

UMA DESCOBERTA FUNCIONALISTA EM APOCALIPSE

Alex Swander

(UERJ, CiFEFiL, EMBV, EMBAC)

swanderswander@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como modelo teórico o Funcionalismo lingüístico norte-americano, Escola científica esta que provocou um grande impacto nas Ciências da Linguagem, deslocando o centro de atenção, até então voltado para a idéia de língua como um todo acabado, para um patamar em que a sintaxe emerge do uso. Logo, é o usuário da língua que a transforma segundo suas necessidades de uso.

O *corpus* deste trabalho é o livro bíblico de *Apocalipse*.

Não podemos entender o livro de *Apocalipse* como um tratado científico e tampouco como um poema apesar da linguagem literária. Entendamos que, face às perseguições sofridas pelos cristãos, João teve de “criptografar” informações através de recursos bem sutis. Já foram publicados inúmeros trabalhos acerca do assunto. Algumas coisas sérias, outras que não passavam de pseudo-teorias de conspiração como, recentemente, podemos constatar nos escritos de Dan Brown, tão criticados pela imprecisão de dados e pela ausência de bases sólidas quanto aos fatos. O próprio jornal *New York Times* assim escreveu: “é o mais imbecil, impreciso, pretensioso e estereotipado produto de cultura *pulp fiction* dos últimos anos.”. Por outro lado, renomados matemáticos e cientistas da computação identificaram códigos alfanuméricos no livro de *Apocalipse*, onde é possível vislumbrar inúmeros eventos vaticinados em relação à humanidade. A pretensão neste trabalho, porém, não é tão ousada. O livro de *Apocalipse* estará sendo utilizado como objeto formal sobre o qual estarei propondo uma leitura funcionalista a partir da apreensão dos planos de figura e fundo. Desta feita, acredito que a presente contribuição se dará no sentido de que, uma vez redimensionado o texto em dois eixos, a percepção e o entendimento acerca dos fatos podem ser mais cabais e consistentes.

A proposta, portanto, não é estabelecer uma leitura exegética,

mas reorganizar o texto segundo a propriedade funcionalista “planos”, que emerge da gestalt e se fundamenta em plano de relevo e plano de moldura, isto é, figura e fundo. Neste, temos eventos estáticos; naquele, eventos dinâmicos. É importante entendermos que tal propriedade tem como parâmetro a percepção dos eventos, de modo que quanto mais perceptiva a sentença, mais transitiva ela se torna nos termos de Givón, Hopper & Tompson. Adotando, então, de uma análise funcionalista a partir da propriedade planos, verifiquei que no plano de fundo, há uma série de eventos simultaneamente acontecendo, o que muito se aproxima da Teoria do Caos postulada por Eduard Lorenz em 1961.

CONCEPÇÃO TEÓRICA

O nosso trabalho se fundamenta teoricamente no Funcionalismo lingüístico norte-americano e, assim sendo, discutiremos sobre os principais pressupostos da teoria funcionalista, buscando melhor situar a propriedade da Transitividade dentro do modelo teórico adotado.

De acordo com o funcionalismo lingüístico, a língua não pode ser descrita como um fenômeno autônomo, uma vez que não se pode compreender a gramática sem que se considere a atuação de parâmetros relacionados à cognição e a necessidades discursivas dos usuários da língua.

Rastreado o passado da corrente teórica aqui adotada, observamos a existência de uma relação histórica entre o Funcionalismo e a Teoria da Variação. Abraçado (2003, p. 23 *apud* Votre, 1992, p. 9)¹ apresenta uma citação que serve de ancoragem para o que acabamos de escrever:

Foi no seio da própria lingüística laboviana, num texto hoje clássico do funcionalismo lingüístico, que Gillian Sankoff formulou a primeira hipótese forte da nova tendência analítica, afirmando que a sintaxe provém do discurso e fornecendo evidência com dados do processo de relativização em Tok Pisin.

¹ Este trabalho não está nas referências bibliográficas, assim como todas as outras, exceto a Bíblia e um trabalho do próprio autor [Nota do Editor].

O modelo funcionalista, portanto, pautado no discurso, estuda a língua em uso, ou seja, a língua como um sistema não-fechado e não-acabado; como um *continuum* de sentidos, cuja codificação se dá motivada por intenções comunicativas. E é exatamente neste ponto que se funda a principal divergência entre os modelos funcionalista e formalista, posto que este encontra-se calcado no sistema; aquele, no usuário. De acordo com Givón (1991), os princípios fundamentais do funcionalismo são: o princípio da iconicidade e o princípio da marcação. Existem outros princípios e critérios associados aos dois princípios supracitados. Falaremos acerca de cada um deles a seguir. O princípio da iconicidade prevê uma correspondência entre forma e função. Entretanto, tal correspondência, na maioria dos casos, não pode ser vislumbrada. Segundo Givón (1995), as formas lingüísticas nascem motivadas iconicamente e a arbitrariedade na codificação lingüística ocorre devido às pressões diacrônicas corrosivas, seja na forma (código), seja na estrutura (mensagem). Assim sendo, o código acaba sofrendo sucessivos desgastes fonológicos e um desbotamento semântico decorrentes do próprio uso, e a mensagem acaba sendo alterada em decorrência da elaboração criativa. Tais pressões provocam ambigüidades relacionadas ao código (ocorrência de uma forma e várias funções: homonímia e polissemia) e à mensagem (várias formas e uma função: sinonímia).

Convém ressaltar que a discussão acerca da motivação entre função e forma remonta à antigüidade clássica, dividindo filósofos naturalistas (defendiam que as palavras se relacionavam naturalmente ao que elas significavam) e filósofos convencionalistas (sustentavam a idéia de que não existe nenhuma motivação entre a palavra e seu significado). No século XX, tal problemática foi retomada por Saussure, que postulou a arbitrariedade entre a codificação lingüística (significante) e a imagem mental da “coisa” designada (significado). Peirce (1940), mostrando-se parcialmente discordante da idéia de total arbitrariedade, procurou um “meio termo” entre as concepções naturalista e convencionalista. Por conseguinte, para ele, não há total arbitrariedade na sintaxe das línguas naturais; há, sim, um isomorfismo moderado, isto é, uma tendência à correlação transparente entre forma e função, havendo na codificação sintática, uma interação entre princípios icônicos e princípios mais simbólicos. Peirce postulou dois tipos de iconicidade: a imagética (refere-se a uma re-

lação estreita entre um item e seu referente) e a diagramática (refere-se a uma espécie de arranjo icônico de signos, sem que para tal haja necessariamente semelhança). Bolinger (1977) trouxe consigo a face mais radical do isomorfismo. O estudioso postulou que para cada função há uma forma específica, isto é, a codificação linguística é sustentada na motivação icônica em que a relação função e forma se mostra estreitamente relacionada. Coube a Givón (1995) a retomada do postulado de Peirce (1940) e a definição do princípio da iconicidade como uma tendência à correlação transparente entre forma e função. O princípio da iconicidade apresenta três subprincípios: o subprincípio da quantidade, o subprincípio da adjacência, subprincípio da ordenação linear. Daremos uma atenção maior à propriedade Planos, haja vista que ela é gerenciadora da análise a que nos predispomos fazer.

A propriedade de planos emerge da Gestalt e se fundamenta entre aquilo que é mais saliente (figura) e aquilo que é acessório, isto é, periférico e complementar (fundo). Convém destacarmos que figura e fundo são dois planos relacionados funcionalmente, posto que há uma dependência entre o plano de relevo, compreendido pela figura e o plano de moldura, entendido como sendo o fundo. Em primeiro plano (figura), encontramos eventos mais dinâmicos, de ações punctuais e de aspecto télico. Em segundo plano (fundo), presentificam-se situações estáticas e meramente descritivas, ilustradas por verbos de aspecto não télico e não punctuais. Vejamos, como exemplo, um fragmento de Silveira (1991), apresentado por Furtado da Cunha *et alli* (no prelo, 2001, p. 13-14):

(13) Aí ... ela acordou ... ela tava dormindo ... aí ela levantou ... penteou o cabelo ... aí fo/foi lá onde a filha dela ... aí ela acordou a filha dela ... aí vestiu ela ... pôs a mesa para o café ... elas tomaram café ...

Figura Fundo

Aí ... ela acordou... ela tava dormindo
aí ela levantou...
penteou o cabelo...
aí fo/foi lá
onde tava a filha dela
aí ela acordou a filha dela...
aí vestiu ela...
pôs a mesa para o café...
elas tomaram café...

Na coluna referente à figura, encontramos eventos que se desenrolam no eixo da seqüencialidade, ao passo que na coluna referente ao plano de fundo, temos o eixo da simultaneidade. Em outras palavras, na primeira coluna encontramos uma seqüência de ações, enquanto na segunda circunscreve-se o aspecto situacional.

Hopper (1979) associa a oposição figura e fundo à propriedade de Transitividade. Assim, temos as situações estáticas, que servem como moldura ou fundo, marcadas por baixa transitividade na seqüência e, em primeiro plano, temos a figura, ou seja, o plano de eventos progressivos marcados por um potencial de maior transitividade.

Devido à exigüidade do tempo, apresentarei apenas uma minuta do que é a análise que foi desenvolvida.

APOCALIPSE (INTRODUÇÃO)

Então o anjo me mostrou um rio de água viva resplandecente como cristal de rocha, saindo do trono de Deus e do Cordeiro. 2 No meio da avenida e às duas margens do rio, achava-se uma árvore da vida, que produz doze frutos, dando cada mês um fruto, servindo as folhas da árvore para curar as nações. 3 Não haverá aí nada de execrável, mas nela estará o trono de Deus e do Cordeiro. Seus servos lhe prestarão um culto. 4 Verão a sua face e o seu nome estará nas suas fronteiras. 5 Já não haverá noite, nem se precisará da luz de lâmpada ou do sol, porque o Senhor Deus a iluminará, e há de reinar pelos séculos dos séculos. Ele me disse: Estas palavras são fiéis e verdadeiras, e o Senhor Deus dos espíritos dos profetas enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos o que deve acontecer em breve. 7 Eis que venho em breve! Felizes aqueles que põem em prática as palavras da profecia deste livro. 8 Fui eu, João, que vi e ouvi estas coisas. Depois de as ter ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo que as mostrava. 9 Mas ele me disse: Não faças isto! Sou um servo como tu e teus irmãos, os profetas, e aqueles que guardam as palavras deste livro. Prostra-te diante de Deus. 10 Disse ele ainda: Não seles o texto profético deste livro, porque o momento está próximo.* 11 O injusto faça ainda injustiças, o impuro pratique impurezas. Mas o justo faça a justiça e o santo santifique-se ainda mais. 12 Eis que venho em breve, e a minha recompensa está comigo, para dar a cada um conforme as suas obras. 13 Eu sou o Alfa e Ômega, o Primeiro e o Último, o Começo e o Fim. 14 Felizes aqueles que lavam as suas vestes para ter direito à árvore da vida e poder entrar na cidade pelas portas. 15 Fora os cães, os envenenadores, os impudicos, os homicidas, os idólatras e todos aqueles que amam e praticam a mentira! 16 Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos atestar estas coisas a

respeito das igrejas. Eu sou a raiz e o descendente de Davi, a estrela radiosa da manhã. 17 O Espírito e a Esposa dizem: Vem! Possa aquele que ouve dizer também: Vem! Aquele que tem sede, venha! E que o homem de boa vontade receba, gratuitamente, da água da vida! 18 Eu declaro a todos aqueles que ouvirem as palavras da profecia deste livro: se alguém lhes ajuntar alguma coisa, Deus ajuntará sobre ele as pragas descritas neste livro; 19 e se alguém dele tirar qualquer coisa, Deus lhe tirará a sua parte da árvore da vida e da Cidade Santa, descritas neste livro. 20 Aquele que atesta estas coisas diz: Sim! Eu venho depressa! Amém. Vem, Senhor Jesus!*

21 A graça do Senhor Jesus esteja com todos.

Façamos a análise:

Plano de Figura

Então o anjo me mostrou um rio de água viva resplandecente como cristal de rocha, 3 Não haverá aí nada de execrável,
Seus servos lhe prestarão um culto. 4 Verão a sua face
5 Já não haverá noite, nem se precisará da luz de lâmpada ou do sol, porque o Senhor Deus a iluminará, e há de reinar pelos séculos dos séculos. Ele me disse:
e o Senhor Deus dos espíritos dos profetas enviou o seu anjo
Eis que venho em breve! Felizes aqueles que põem em prática as palavras da profecia deste livro. 8 Fui eu, João, que vi e ouvi estas coisas. Depois de as ter ouvido e visto, prostrei-me
9 Mas ele me disse:
Prostra-te diante de Deus. 10 Disse ele ainda:
11 O injusto faça ainda injustiças, o impuro pratique impurezas. Mas o justo faça a justiça e o santo santifique-se ainda mais. 12 Eis que venho em breve
16 Eu, Jesus, enviei o meu anjo
17 O Espírito e a Esposa dizem:
Possa aquele que ouve dizer também:
Aquele que tem sede, venha! E que o homem de boa vontade receba, gratuitamente, da água da vida! 18 Eu declaro a todos aqueles que ouvirem as palavras da profecia deste livro: se alguém lhes ajuntar alguma coisa, Deus ajuntará sobre ele as pragas descritas neste livro; 19 e se alguém dele tirar qualquer coisa, Deus lhe tirará a sua parte da árvore da vida e da Cidade Santa, descritas neste livro. 20 Aquele que atesta estas coisas diz: Sim! Eu venho depressa! Amém. Vem, Senhor Jesus!*

21 A graça do Senhor Jesus esteja com todos.

Plano de Fundo

saindo do trono de Deus e do Cordeiro. 2 No meio da avenida e às duas margens do rio, achava-se uma árvore da vida, que produz doze frutos,

dando cada mês um fruto, servindo as folhas da árvore para curar as nações
mas nela estará o trono de Deus e do Cordeiro.
e o seu nome estará nas suas fontes.
E nestas palavras são fiéis e verdadeiras,
para mostrar aos seus servos o que deve acontecer em breve
aos pés do anjo que as mostrava.
Não faças isto! Sou um servo como tu e teus irmãos, os profetas, e aqueles que guardam as palavras deste livro.
Não seles o texto profético deste livro, porque o momento está próximo.
e a minha recompensa está comigo, para dar a cada um conforme as suas obras. 13 Eu sou o Alfa e Ômega, o Primeiro e o Último, o Começo e o Fim. 14 Felizes aqueles que lavam as suas vestes para ter direito à árvore da vida e poder entrar na cidade pelas portas. 15 Fora os cães, os envenenadores, os impudicos, os homicidas, os idólatras e todos aqueles que amam e praticam a mentira!
para vos atestar estas coisas a respeito das igrejas. Eu sou a raiz e o descendente de Davi, a estrela radiosa da manhã.
Vem!
Vem!

Capítulo 6

¹Depois, vi o Cordeiro abrir o primeiro selo e ouvi um dos quatro Animais clamar com voz de trovão: Vem! ²Vi aparecer então um cavalo branco. O seu cavaleiro tinha um arco; foi-lhe dada uma coroa e ele partiu como vencedor para tornar a vencer. ³Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo animal clamar: Vem! ⁴Partiu então outro cavalo, vermelho. Ao que o montava foi dado tirar a paz da terra, de modo que os homens se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada. ⁵Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro animal clamar: Vem! E vi aparecer um cavalo preto. Seu cavaleiro tinha uma balança na mão. ⁶Ouvi então como que uma voz clamar no meio dos quatro Animais: Uma medida de trigo por um denário, e três medidas de cevada por um denário; mas não danifiques o azeite e o vinho! ⁷Quando abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto animal, que clamava: Vem! ⁸E vi aparecer um cavalo esverdeado. Seu cavaleiro tinha por nome Morte; e a região dos mortos o seguia. ⁹Foi-lhe dado poder sobre a quarta parte da terra, para matar pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras. ¹⁰Quando abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos homens imolados por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho de que eram depositários. ¹¹E clamavam em alta voz, dizendo: Até quando tu, que és o Senhor, o Santo, o Verdadeiro, ficarás sem fazer justiça e sem vingar o nosso sangue contra os habitantes da terra? ¹²Foi então dada a cada um deles uma veste branca, e foi-lhes dito que aguardassem ainda um pouco, até que se completasse o número dos companheiros de serviço e irmãos que estavam com eles para ser mortos. ¹³Depois vi o Cordeiro abrir o sexto selo; e sobreveio então um grande terremoto. O sol se escureceu como um tecido de crina, a lua

tornou-se toda vermelha como sangue* ¹³e as estrelas do céu caíram na terra, como frutos verdes que caem da figueira agitada por forte ventania. ¹⁴O céu desapareceu como um pedaço de papiro que se enrola e todos os montes e ilhas foram tirados dos seus lugares. ¹⁵Então os reis da terra, os grandes, os chefes, os ricos, os poderosos, todos, tanto escravos como livres, esconderam-se nas cavernas e grutas das montanhas. ¹⁶E diziam às montanhas e aos rochedos: Caí sobre nós e escondi-nos da face daquele que está sentado no trono e da ira do Cordeiro, ¹⁷porque chegou o Grande Dia da sua ira, e quem poderá subsistir?

Plano de Figura

¹Depois, vi o Cordeiro abrir o primeiro selo e ouvi um dos quatro Anímaís clamar com voz de trovão:

²Vi aparecer então um cavalo branco.

foi-lhe dada uma coroa e ele partiu como vencedor

³Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo animal clamar:

⁴Partiu então outro cavalo, vermelho.

foi dado tirar a paz da terra,

⁹Quando abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos homens imolados por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho de que eram depositários. ¹⁰E clamavam em alta voz,

Foi então dada a cada um deles uma veste branca, e foi-lhes dito

até que se completasse o número dos companheiros de serviço e irmãos

¹²Depois vi o Cordeiro abrir o sexto selo; e sobreveio então um grande terremoto. O sol se escureceu como um tecido de crina, a lua tornou-se toda vermelha como sangue* ¹³e as estrelas do céu caíram na terra,

¹⁴O céu desapareceu

e todos os montes e ilhas foram tirados dos seus lugares. ¹⁵Então os reis da terra, os grandes, os chefes, os ricos, os poderosos, todos, tanto escravos como livres, esconderam-se nas cavernas e grutas das montanhas. ¹⁶E diziam às montanhas e aos rochedos:

Plano de Fundo

O seu cavaleiro tinha um arco;
para tornar a vencer.*

Vem!

Ao que o montava

de modo que os homens se matassem uns aos outros;

Vem!

Seu cavaleiro tinha uma balança na mão.

Uma medida de trigo por um denário, e três medidas de cevada por um denário; mas não danifiques o azeite e o vinho!

Vem!

Seu cavaleiro tinha por nome Morte; e a região dos mortos o seguia.

para matar pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras.
dizendo: Até quando tu, que és o Senhor, o Santo, o Verdadeiro, ficarás
sem fazer justiça e sem vingar o nosso sangue contra os habitantes da
terra?
que aguardassem ainda um pouco,
que estavam com eles para ser mortos.
como frutos verdes que caem da figueira agitada por forte ventania.
como um pedaço de papiro que se enrola
Cai sobre nós e escondi-nos da face daquele que está sentado no trono e
da ira do Cordeiro, ¹⁷porque chegou o Grande Dia da sua ira, e quem
poderá subsistir?

Capítulo 9

O quinto anjo tocou a trombeta. Vi então uma estrela cair do céu na terra,
e foi-lhe dada a chave do poço do abismo;*² ela o abriu e saiu do poço
uma fumaça como a de uma grande fornalha. O sol e o ar obscurece-
ram-se com a fumaça do poço. ³Da fumaça saíram gafanhotos pela ter-
ra, e foi-lhes dado poder semelhante ao dos escorpiões da terra.* ⁴Mas
foi-lhes dito que não causassem dano à erva, verdura, ou árvore algu-
ma, mas somente aos homens que não têm o selo de Deus na fronte. ⁵
Foi-lhes ordenado que não os matassem, mas os afligissem por cinco
meses. Seu tormento era como o da picada do escorpião.* ⁶Naqueles
dias, os homens buscarão a morte e não a conseguirão; desejarão mor-
rer, e a morte fugirá deles. ⁷O aspecto desses gafanhotos era o de cava-
los aparelhados para a guerra. Nas suas cabeças havia uma espécie de
coroa com reflexos dourados. Seus rostos eram como rostos de homem,
⁸seus cabelos como os de mulher e seus dentes, como os dentes de leão.
⁹Seus tórax pareciam envoltos em ferro, e o ruído de suas asas era co-
mo o ruído de carros de muitos cavalos, correndo para a guerra.
¹⁰Tinham caudas semelhantes à do escorpião, com ferrões e o poder de
afligir os homens por cinco meses. ¹¹Têm eles por rei o anjo do abismo;
chama-se em hebraico Abaddon, e em grego, Apolion.* ¹²Terminado as-
sim o primeiro ai, eis que, depois dele, vêm ainda dois outros. ¹³O sex-
to anjo tocou a trombeta. Ouvi então uma voz que vinha dos quatro
cantos do altar de ouro, que está diante de Deus, ¹⁴e que dizia ao sexto
anjo que tinha a trombeta: Solta os quatro Anjos que estão acorrentados
à beira do grande rio Eufrates.* ¹⁵Então foram soltos os quatro Anjos
que se conservavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano da
matança da terça parte dos homens... ¹⁶O número de soldados desta ca-
valaria era de duzentos milhões. Eu ouvi o seu número. ¹⁷E foi assim
que eu vi os cavalos e os que os montavam: estes últimos eram coura-
çados de uma chama sulfurosa azul. Os cavalos tinham crina como
uma juba de leão e de suas narinas saíam fogo, fumaça e enxofre.* ¹⁸E
uma terça parte dos homens foi morta por esses três flagelos (fogo, fu-
maça e enxofre) que lhes saíam das narinas. ¹⁹Porque o poder nocivo
dos cavalos estava também nas caudas; tinham cabeças como serpentes
e causavam dano com elas. ²⁰Mas o restante dos homens, que não fo-

ram mortos por esses três flagelos, não se arrependeu das obras de suas mãos. Não cessaram de adorar o demônio e os ídolos de ouro, de prata, de bronze, de pedra e de madeira, que não podem ver, nem ouvir, nem andar. ²¹Não se arrependeram de seus homicídios, seus malefícios, suas imundícies e furtos.

Plano de Figura

O quinto anjo tocou a trombeta. Vi então uma estrela cair do céu na terra, e foi-lhe dada a chave do poço do abismo;^{*}² ela o abriu e saiu do poço uma fumaça como a de uma grande fornalha. O sol e o ar obscureceram-se com a fumaça do poço. ³Da fumaça saíram gafanhotos pela terra, e foi-lhes dado poder semelhante ao dos escorpiões da terra.* ⁴Mas foi-lhes dito ⁵Foi-lhes ordenado ⁶Naqueles dias, os homens buscarão a morte e não a conseguirão; desejarão morrer, e a morte fugirá deles.

¹²Terminado assim o primeiro ai, eis que, depois dele, vêm ainda dois outros. ¹³O sexto anjo tocou a trombeta. Ouvi então uma voz que vinha dos quatro cantos do altar de ouro,

¹⁵Então foram soltos os quatro Anjos

Eu ouvi o seu número. ¹⁷E foi assim que eu vi

¹⁸E uma terça parte dos homens foi morta por esses três flagelos (fogo, fumaça e enxofre)

²⁰Mas o restante dos homens

não se arrependeu das obras de suas mãos. Não cessaram de adorar o demônio e os ídolos de ouro, de prata, de bronze, de pedra e de madeira,

²¹Não se arrependeram de seus homicídios, seus malefícios, suas imundícies e furtos

Plano de Fundo

que não causassem dano à erva, verdura, ou árvore alguma, mas somente aos homens que não têm o selo de Deus na fronte. ⁵

que não os matassem, mas os afligissem por cinco meses. Seu tormento era como o da picada do escorpião.*

O aspecto desses gafanhotos era o de cavalos aparelhados para a guerra. Nas suas cabeças havia uma espécie de coroa com reflexos dourados. Seus rostos eram como rostos de homem, ⁸seus cabelos como os de mulher e seus dentes, como os dentes de leão. ⁹Seus tórax pareciam envoltos em ferro, e o ruído de suas asas era como o ruído de carros de muitos cavalos, correndo para a guerra. ¹⁰Tinham caudas semelhantes à do escorpião, com ferrões e o poder de afligir os homens por cinco meses. ¹¹Têm eles por rei o anjo do abismo; chama-se em hebraico Abaddon, e em grego, Apolion.*

que está diante de Deus, ¹⁴e que dizia ao sexto anjo que tinha a trombeta: Solta os quatro Anjos que estão acorrentados à beira do grande rio Eufrates.*

que se conservavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano da man-
tança da terça parte dos homens...¹⁶O número de soldados desta cava-
laria era de duzentos milhões.

os cavalos e os que os montavam: estes últimos eram couraçados de uma
chama sulfurosa azul. Os cavalos tinham crina como uma juba de leão
e de suas narinas saíam fogo, fumaça e enxofre.* que lhes saíam das
narinas.¹⁹Porque o poder nocivo dos cavalos estava também nas cau-
das; tinham cabeças como serpentes e causavam dano com elas.

que não foram mortos por esses três flagelos,
que não podem ver, nem ouvir, nem andar.

Capítulo 12

¹Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do
sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estre-
las.*²Estava grávida e gritava de dores, sentindo as angústias de dar à
luz.³Depois apareceu outro sinal no céu: um grande Dragão vermelho,
com sete cabeças e dez chifres, e nas cabeças sete coroas.*⁴Varria com
sua cauda uma terça parte das estrelas do céu, e as atirou à terra. Esse
Dragão deteve-se diante da Mulher que estava para dar à luz, a fim de
que, quando ela desse à luz, lhe devorasse o filho.⁵Ela deu à luz um Fi-
lho, um menino, aquele que deve reger todas as nações pagãs com ce-
tro de ferro. Mas seu Filho foi arrebatado para junto de Deus e do seu
trono.⁶A Mulher fugiu então para o deserto, onde Deus lhe tinha pre-
parado um retiro para aí ser sustentada por mil duzentos e sessenta di-
as.*⁷Houve uma batalha no céu. Miguel e seus anjos tiveram de com-
bater o Dragão. O Dragão e seus anjos travaram combate,*⁸mas não
prevaleceram. E já não houve lugar no céu para eles.⁹Foi então preci-
pitado o grande Dragão, a primitiva Serpente, chamado Demônio e Sa-
tanás, o sedutor do mundo inteiro. Foi precipitado na terra, e com ele
os seus anjos.*¹⁰Eu ouvi no céu uma voz forte que dizia: Agora che-
gou a salvação, o poder e a realeza de nosso Deus, assim como a auto-
ridade de seu Cristo, porque foi precipitado o acusador de nossos ir-
mãos, que os acusava, dia e noite, diante do nosso Deus.¹¹Mas estes
venceram-no por causa do sangue do Cordeiro e de seu eloqüente tes-
temunho. Desprezaram a vida até aceitar a morte.¹²Por isso alegrai-
vos, ó céus, e todos que aí habitais. Mas, ó terra e mar, cuidado! Porque
o Demônio desceu para vós, cheio de grande ira, sabendo que pouco
tempo lhe resta.¹³O Dragão, vendo que fora precipitado na terra, per-
seguiu a Mulher que dera à luz o Menino.¹⁴Mas à Mulher foram dadas
duas asas de grande águia, a fim de voar para o deserto, para o lugar de
seu retiro, onde é alimentada por um tempo, dois tempos e a metade de
um tempo, fora do alcance da cabeça da Serpente.*¹⁵A Serpente vomit-
ou contra a Mulher um rio de água, para fazê-la submergir.¹⁶A terra,
porém, acudiu à Mulher, abrindo a boca para engolir o rio que o Dra-
gão vomitara.¹⁷Este, então, se irritou contra a Mulher e foi fazer guerra
ao resto de sua descendência, aos que guardam os mandamentos de
Deus e têm o testemunho de Jesus.*¹⁸E ele se estabeleceu na praia.*

Plano de Figura

¹Apareceu em seguida um grande sinal no céu:

³Depois apareceu outro sinal no céu:

e as atirou à terra. Esse Dragão deteve-se diante da Mulher

⁵Ela deu à luz um Filho, um menino,

Mas seu Filho foi arrebatado para junto de Deus e do seu trono. ⁶A Mulher fugiu então para o deserto,

⁷Houve uma batalha no céu. Miguel e seus anjos tiveram de combater o Dragão. O Dragão e seus anjos travaram combate,* ⁸mas não prevaleceram. E já não houve lugar no céu para eles. ⁹Foi então precipitado o grande Dragão, a primitiva Serpente, chamado Demônio e Satanás, o sedutor do mundo inteiro. Foi precipitado na terra, e com ele os seus anjos.* ¹⁰Eu ouvi no céu uma voz forte

porque foi precipitado o acusador de nossos irmãos,

¹¹Mas estes venceram-no por causa do sangue do Cordeiro e de seu eloqüente testemunho. Desprezaram a vida até aceitar a morte. ¹²Por isso alegrai-vos, ó céus, e todos

Mas, ó terra e mar, cuidado! Porque o Demônio desceu para vós, cheio de grande ira,

O Dragão,

perseguiu a Mulher

Mas à Mulher foram dadas duas asas de grande água,

A Serpente vomitou contra a Mulher um rio de água,

A terra, porém, acudiu à Mulher

Este, então, se irritou contra a Mulher e foi fazer guerra ao resto de sua descendência,

E ele se estabeleceu na praia.*

Plano de Fundo

uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa

de doze estrelas. Estava grávida e gritava de dores, sentindo as angústias de

dar à luz. um grande Dragão vermelho, com sete cabeças e dez chifres, e nas cabeças sete coroas.* ⁴Varría com sua cauda uma terça parte das estrelas

do céu, que estava para dar à luz, a fim de que, quando ela desse à luz, lhe

devorasse o filho. aquele que deve reger todas as nações pagãs com cetro de ferro. onde Deus lhe tinha preparado um retiro para aí ser sustentada por mil duzentos e sessenta dias. que dizia: Agora chegou a salvação, o poder e a realeza de nosso Deus,

assim como a autoridade de seu Cristo, que os acusava, dia e noite, diante do nosso Deus.

que aí habitais.
sabendo que pouco tempo lhe resta.
vendo que fora precipitado na terra,
que dera à luz o Menino.
a fim de voar para o deserto, para o lugar de seu retiro, onde é
alimentada por um tempo, dois tempos e a metade de um tempo,
fora do alcance da cabeça da Serpente.*
para fazê-la submergir.
abrindo a boca para engolir o rio que o Dragão
vomitara. aos que guardam os mandamentos de Deus e têm o
testemunho de Jesus.*

CONCLUSÃO

Este mundo frio está hoje bem pior do que era na época do dilúvio. Nunca a corrupção esteve tão gratuita; a prostituição, ainda que seja a mais antiga das profissões da Terra, hoje, entretanto, assume um caráter diferente, onde as filhas degredadas deste mundo são levadas ao sabor da própria vontade e, ávidas por prazeres fáceis e pela satisfação de desafiarem a própria família, acabam se transformando em moradias de demônios. Os casais são vítimas da chaga do adultério e, não reconhecendo o verdadeiro sentido do SIM dito no altar, acabam sendo levados pelos ventos das paixões terrenas, traindo o que prometeram diante de um sacerdote legitimamente constituído. As coisas do mundo são fáceis. Ora, o desejo existe, vencê-lo é apenas uma questão de fé. Tendo o livre arbítrio para escolhermos entre o que é certo e o que é errado, uma vez optando pela vereda daquilo que é certo, estamos renovando a nossa vocação assumida e triunfando sob o império do mal. Não existe fé sem provação, assim como não existe amor sem sofrimento. Enxergar a verdade em todos os seus aspectos é uma dádiva para uns, porém uma maldição para outros, pois nem sempre o fazemos segundo os olhos de Cristo. Dessa forma, desaprendemos que devemos ser como andarilhos da fé, pois é a caminhada rumo aos tesouros do céu que nos eleva diante desse mundo de iniquidade. A nossa cruz pode parecer pesada, mas devemos levá-la com dignidade até a mansão final de nossos dias neste mundo!

Satanás se instalou na Igreja, de tal modo que a separação se tornou uma realidade e o resultado disso é um mundo repleto de seitas em que a santa palavra de Deus é interpretada segundo a vontade do homem que, por sua vez, vê na boa fé do povo um celeiro infinito

e abundante de exploração, encharcando-se do mais profundo néctar da vaidade e semeando a injustiça. O resultado disso são os flagelos da sociedade: crianças que, na mais tenra idade, são levadas ao fundamentalismo que faz naufragar a esperança de dias melhores em relação ao porvir. O Estado existe para garantir as condições necessárias para que o povo caminhe em direção rumo ao progresso material e espiritual e não servir de aparelho que oprime e explora, legitimando a mais injusta das ordens sociais. Além disso, Deus não é um ídolo trancafiado em um templo a ser utilizado como estandarte de campanhas políticas. Ele caminha junto ao povo na ereção da própria história de seus filhos!

Nos dias hodiernos, a criatura ousa tomar para si a estatueta de divindade de uma injustificada grandeza, esquecendo-se de que há uma diferença entre transitar da essência para uma substância e da substância para outra substância. Ora, aquela é privilégio de Deus, enquanto esta é única aos homens. Tal como um dia o fez Prometeu, a criatura humana está tentando roubar para si o fogo divino. O preço a ser pago, certamente, não será diferente daquele que na mitologia foi pago por Prometeu. Assim, o homem terminará seus dias acorrentado aos rochedos, sendo consumido pelos abutres da sua própria soberba. Não nos esqueçamos de que o Projeto Genoma é uma grande incógnita, haja vista que, uma vez alcançando êxito, a criatura será capaz de se transformar em criador. Porém, eu indago: e a alma? Acaso o homem tem o poder de infundir tal energia em seu “Frankenstein”? Há profecias antigas que remontam a vários textos sagrados não só do eixo judaico-cristão, mas também de escritos pagãos que alertam acerca de um fato, no mínimo, estupefador: a vinda de uma grande fera que levará o mundo ao caos da guerra final, onde o fim acontecerá tal como o início de todas as coisas: um som inexprimível e arrebatador que não será ouvido por ninguém! Para nós, cristãos, não é difícil de entendermos a ligação que existe entre o Projeto Genoma e a possibilidade de que o corpo criado seja animado pelo “anticristo”. Não quero com estas palavras negar o valor da ciência, mas não temos o direito de brincar de ser Deus. Como o próprio Albert Einstein postulou: “a religião sem a ciência é cega, mas a ciência sem a religião é aleijada”.

Somente a união de toda a gente na mais profunda e sincera oração é que pode abrir a porta por onde descerá sobre nós o Santo

Espírito de Deus. Precisamos nos esvaziar de nós mesmos, a fim de que sejamos fecundados por Deus! Precisamos morrer em nós mesmos, pois só assim entenderemos que só existe vida em Jesus Cristo! Roguemos, doravante, pela intercessão da nossa Mãe Celeste e que as milícias dos arcanjos possam nos proteger dos exércitos de Satanás! Lutemos brava e heroicamente, pois as provações dos últimos tempos serão a ferro e fogo. Muitos serão chamados, mas poucos serão escolhidos! O tempo designado *não está próximo, pois a grande tribulação já começou! Só o cego no espírito, mergulhado na mais profunda ignorância, é que não consegue vislumbrar que os sinais já estão acontecendo ao nosso redor e se espalhando tal como água derramada pelo chão!*

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA. Editora Canção Nova. 2000.

SWANDER, Alex. *Uma contribuição funcionalista para o ensino da transitividade*. Tese de Mestrado apresentada na UFF, Niterói, 2003.